

## A DIMENSÃO CORPORAL NO ESPAÇO ANALÍTICO \*

FRANCISCO RAMOS DE FARIAS \*\*  
CÍRCULO PSICANALÍTICO DE PERNAMBUCO

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é tecer considerações acerca de um aspecto do processo analítico. Este verificado a partir das mudanças que têm lugar nas corporalidades do analista e do analisante. Trata-se de um tipo de relação determinada pela existência de dois espaços. Um relativo à dinâmica corporal do analista. O outro é aquele que se estrutura em função da dinâmica corporal do analisante.

### ABSTRACT

This paper aims to discuss one aspect of the analytic process. This special aspect consists in changes occurred in the body of the analyst and the analysed. We discuss essentially the kind of relationship that rises from the existence of both the analyst and analysed body dynamics.

### RESUMÉE

Le but qu'on a voulu est s'approcher d'un aspect du procès analytique; entendu à partir de les échanges observées dans la versant corporel de l'analyste et analysant. C'est sort de interaction est déterminé pour l'existence de deux espaces: Celle relatif à la Dynamique Corporel de l'analyste et celle que se structure en fonction de la dynamique corporel du analysant.

---

\* Versão ampliada do trabalho apresentado no VII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, realizado no Rio de Janeiro de 14 a 18 de abril de 1988.

\*\* Professor-Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

## 1. INTRODUÇÃO

Esta síntese se ocupa do estudo de uma das características do processo analítico, o relacionamento analista-analisante, verificado em dois níveis: o verbal, no qual as trocas ocorrem através dos instrumentos decodificados lingüisticamente e o não-verbal, que tem lugar a partir de uma série de dispositivos organizados psiquicamente num núcleo arcaico (1). Deste, os conteúdos que se expressam, utilizam-se de uma via diferente daquela que tem como elemento de mediação a palavra. É então, pela vertente corpórea que os referidos conteúdos entram em cena no espaço analítico, visto tratar-se de um campo onde a dramatização relativa a esse núcleo psíquico primitivo pode ser observada (2). A respeito desse segundo nível de relacionamento — o não-verbal —, são tecidas algumas considerações. Para tanto, pretende-se, preliminarmente, efetuar uma descrição seguida de uma reflexão crítica acerca da mobilidade desses conteúdos na situação analítica, que se viabilizam pela mediação entre as dimensões corporais do analisante e do analista.

Tal tipo de relacionamento específico é definido pela existência no processo analítico, de um espaço estruturado pela corporalidade do analista e de um outro espaço formado pelo corpo do analisante. Esses dois espaços apresentam pontos de interseção, mas também têm sua especificidade.

### O CAMPO DINÂMICO FORMADO PELA CORPORALIDADE DO ANALISTA E PELA CORPORALIDADE DO ANALISANTE

A matriz que se forma pelos conteúdos (que entram em ação no cenário analítico), oriundos da corporalidade do analista e da corporalidade do analisante, é aquela na qual circulam aspectos da cadeia fantasmática, tanto em relação aos fantasmas do analisante que são atravessados na situação analítica, quanto no que se refere aos fantasmas do analista, que remontam a uma outra cena vincular (díade mãe-filho; triangulação pai-mãe-filho; análise analítica e análise quarta) (3).

Estas cenas seriam decorrências da identificação dual da identificação secundária; do contexto transferencial e do campo relativo à escuta clínica.

Sobremodo, os aspectos presentes neste espaço comum (compartilhado igualmente pelo analisante e pelo analista), dizem respeito a um contingente de elementos de natureza bastante arcaica, o qual caracteriza-se em termos das marcas não simbolizáveis. Primeiro, porque se vinculam a uma qualidade do vivido impossível de ser expressa em palavras. Segundo, porque para que algo seja simbolizado se faz necessário que algo se constitua enquanto não simbolizado, ou que seja impossível de simbolização.

No contexto no qual se verifica o encontro dessas vertentes imaginárias é permitido ao corpo do analisante a apresentação dos aspectos mais arcaicos da organização psíquica, enquanto que no corpo do analista deve haver uma contenção temporária da atualização e em função dos sinais que emanam do analisante e do seu corpo.

Fedida (1988), ao se referir à corporalidade do analista, admite que: "nosso próprio corpo se torna uma cena importante sobre a qual se representam as fan-

tasiais mais violentas do inconsciente do analisante" (p. 31). Além do mais, no corpo do analista há toda uma série de dispositivos apropriados a efetuar uma leitura desses sinais oriundos da corporalidade do analisante, o que se consignaria num efeito de cancelamento da expressão dos conteúdos desse núcleo arcaico na medida em que acontece o encontro com o analisante. Bem porque, acredita-se que aos mesmos já teria sido dada uma certa capacidade de conservar uma dada distância psíquica em relação à experiência devido à análise.

A leitura aqui referida por parte do analista é de certo modo parcial, pois existem fenômenos na relação analítica que são intraduzíveis em palavras e que por sua vez, pertencem a uma qualidade do vivido sendo até impensáveis (4).

Os aspectos parciais que são detectados pelo analista no que tange à esfera corporal, seriam aqueles que se revelam através da imagem inconsciente do corpo (5). Configuram uma base para o cenário da transferência, seja na neurose, onde os conteúdos desse núcleo são dirigidos no enquadre manifestando-se indiretamente através dos sonhos, conversões, somatizações, ou na psicose, onde se expressam diretamente em termos de alucinações e delírios (6).

Em se tratando da psicose, não se dá a diferenciação necessária à discriminação entre fantasia e realidade, o que concorre para a vivência relativa aos conteúdos desse núcleo em termos de realidade, através das ocorrências que se processam no corpo. De uma forma ou de outra, trata-se de um campo em função do qual se faz pertinente falar de uma gramática do corpo e de uma sintaxe que desempenham papéis importantes no espaço analítico, conforme acentuou Leclair (1977).

A realidade corpórea, no processo analítico, estabelece entre analista e analisante um espaço fechado no qual veicula uma cultura privada. Nesta se faz presente um tipo de comunicação sobre a qual se assenta aquela que transcorre pelo uso da palavra.

Pode-se dizer que este tipo de comunicação observada entre estes dois protagonistas se situaria num nível aquém da linguagem simbólica abstrata. Em outras palavras, seria uma comunicação que se faz pela via das possíveis modulações dos afetos e que tem o corpo como efetor (7).

### O CORPO E O ESPAÇO ANALÍTICO

O corpo, no espaço analítico, revela-se num desdobramento em duas vertentes: aquela que remete à intracorporalidade (onde se verifica a dinâmica pulsional) e a intrapsíquica, aqui considerada como lugar onde se inscrevem os representantes dessas pulsões. É por esta razão que Pontalis (1978) ao se referir ao psiquismo, concebe-o como uma dupla metáfora do corpo, como se fossem organizações que mantêm íntimas relações com encenações que transcorrem nesta instância. É então, ao encontro desses dois campos de realidade (que o corpo viabiliza) que o analista se depara. Ao responder com sua organização corporal conduz a uma transformação na organização fantasmática do analisante dando lugar ao aparecimento ou não de novas experiências. A esse respeito, vale salientar a observação de Cramer (1981), para quem o analista teria por função promover

uma substituição na realidade corpórea que o analisante apresenta, uma vez que, na maioria das vezes, a realidade sintomática apresentada e encenada no corpo é potencialmente capaz de mascarar a dinâmica do vivido(8). Igualmente, esse mascaramento surge também no contexto transferencial. Em contrapartida é provável que haja por parte do analista (particularmente de sua instância corpórea), condições perturbadoras da escuta, ou seja, trata-se de tudo aquilo que inviabilize o entendimento do aspecto contratransferencial.

Do exposto, deduz-se a existência de um imbricamento entre essas duas corporalidades, num contexto distinto daquele no qual transcorre a vinculação mediada pela palavra, visto que o corpo do analisante bem como o corpo do analista conjugam um arranjo especial no enquadre, o qual freqüentemente, fica obscurecido pela importância atribuída aos aspectos verbalizáveis da relação analítica.

Resta então ser pensada a maneira pela qual se desenham as matrizes deste tipo de imbricação, já que não pode ser imaginada em termos do contexto representativo peculiar das trocas a nível simbólico.

De acordo com as proposições de Aulagnier (1979), ter-se-ia aí uma matriz que corresponde aos elementos organizados previamente àqueles que respondem pela vinculação através da transferência. Com isto traz-se à baila um terreno no qual figura a natureza corporal do objeto (no caso o corpo materno), que apazigua as necessidades do filho, sendo por esta razão, o corpo da mãe, tomado como causa do desejo. A intimidade dessas trocas fica consignada num núcleo secreto, na medida em que surgem os conteúdos de ordem simbólica. Desse modo configura-se um arranjo forjado por um sedimento no psiquismo relativo a esse contato carnal e que não se expressa em palavras. Esse sedimento de natureza arcaica não fica inoperante, visto que segundo McDougall (1987), persiste e reaparece como marcas corpóreas não simbolizáveis, as quais estão sempre presentes na relação analítica.

Essas marcas respondem por um nível de trocas bastante elementar, no qual não se observam as insinuações decorrentes na presença do tempo. Neste contexto, a cultura estabelecida entre as trocas efetuadas pelas corporalidades do analisante e do analisante remetem a um período no qual a indicação temporal ou a sensação de tempo estariam suspensas. Desse modo, ao se presentificarem, evidencia-se, segundo Bollas (1986), uma transformação recíproca na relação analítica, de conotação infinita. É este caráter que definiria as marcas e os limites observados no discurso verbal.

Assim sendo, tem lugar a formação de uma espécie de segredo da ordem fantasmática, o qual submerge ao discurso da ordem simbólica. Em função deste é possível observar no processo analítico através da transferência, a existência de uma forma primitiva de comunicação que aparece conjuntamente àquilo que se faz pela palavra.

Convém assinalar que o corpo do analista funciona como uma tela de projeção, na qual, essas marcas entre outras incidem, devido estar também inserido no contexto analítico compondo o enquadre. Ao que se pode imaginar, daquilo que é projetado o analista vai responder utilizando-se da palavra e do silêncio apenas para aqueles conteúdos que são passíveis de expressão pelo canal lingüístico,

conquanto responde com seu próprio corpo ao restante que não teve lugar pelo uso do dispositivo verbal.

Isto é o que acontece em situações nas quais o analista ao invés de enviar mensagens através da fala, o faz utilizando-se da dinâmica corporal. O movimento do corpo é, sem sombra de dúvida, uma resposta corpórea a algo que provém do corpo do analisante. A par disto, o analisante vai captar no corpo do analista, em sua vertente erógena, um conjunto de dispositivos que nesta realidade foram projetados, ou até mesmo próprios dele. Por esta razão, quer dizer, pelo fato de ser o corpo do analista uma instância erógena, conforme admitiu Leclair (1979), é necessário lembrar a recomendação de Freud (1972a), para quem o analista deveria estar cômico disto para não deixar transparecer ao analisante algo além do que teria sido projetado (9). Por outro lado, é a partir desse material projetado que o analista pode efetuar suas intervenções de forma tal que atinja o corpo do analisante.

Sob este prisma, postula-se que o analisante capta do corpo do analista referenciais sobre seu próprio corpo, e aí configura-se um canal não-verbal (o não verbal aqui é referido como para-verbal pelo fato de se tratar de aspectos passíveis de serem verbalizados, ou seja, apresentados pela palavra), que participa da conformação do espaço analítico. Não obstante, o alvo das projeções do analisante não se restringe apenas ao corpo do analista. Em se tratando dos elementos que são depositados no enquadre, tem-se que este enquadre seja mantido fixo. Como decorrência, ter-se-ia no processo analítico uma parte dinâmica relativa aos aspectos projetados aos outros componentes do enquadre (10). Esta é uma faceta da relação verificada no espaço analítico concebível na medida em que se admite a existência de uma comunicação silenciosa, reconhecida pelo analista enquanto tal, pois o mesmo se predispõe a organizar um enquadre para receber o analisante. Aqui faz-se uma comparação que remete às ocorrências que decorrem da relação mãe-filho.

Do mesmo modo que a mãe é dotada de um saber acerca daquilo que se passa com a criança na ocasião de seu nascimento, presume-se a existência por parte do analista de um saber que teria concorrido para a organização do enquadre analítico (11). Justifica-se esta atitude do analista pelo fato de como já é do conhecimento de que a criança carece do corpo materno para se integrar e formar uma unidade de corpo ao nível imaginário, o analisante necessitaria de um referencial assinalado pelo analista (referencial esse que inclui o corpo do analista e os aspectos fixos do enquadre), como garantia para o abismo que se abre no processo analítico, devido seu funcionamento em termos do psiquismo operando em processo primário. E isto quer dizer, deste aspecto regressivo que o analista toma partido ao propor a regra fundamental.

Com esta atitude, o analista estaria então apto a responder ao tipo específico de demanda (12) do analisante que se utiliza do corpo para se expressar. Esta demanda resultaria dos núcleos psíquicos arcaicamente organizados, considerando-se a dinâmica dos mesmos, o que equivaleria segundo Aulagnier (1979), a situar a dimensão pictórica como o espaço que não se reverte em códigos verbais. Obviamente, em se tratando da existência desses códigos não-verbais, o analista dispõe então, de sua corporalidade, para desta forma estabelecer com o

analisante uma espécie de vínculo situado aquém do vínculo transferencial, e que para Macedo (1983), é deste vínculo o suporte básico.

#### A CORPORALIDADE DO ANALISTA E O ENQUADRAMENTO

Via de regra, do mesmo modo que o enquadre não pode ser alterado deliberadamente, o corpo do analista não deve apresentar um dinamismo excessivo, de modo a não obstruir nem obscurecer a dinâmica fantasmática proveniente do corpo do analisante. Sendo assim, embora o analista regrida (e a contratransferência é prova disto), a um estágio que se aproxima aquele de fragmentação corpórea (13), deve supostamente remeter essa regressão a um outro pólo, quer dizer, a um contexto ausente da relação com o analisante (análise analítica análise quarta, teorias internalizadas, teorias produzidas), e apresentar-se a este como quem dispõe de uma corporalidade integrada, pois somente assim tornar-se-ia apto a se constituir como o esteio que segura e ancora a máxima regressão do analisante, na medida em que este deixa transparecer os conteúdos relacionados às marcas não-simbolizáveis do núcleo arcaico ou das partes não representáveis do psiquismo.

Outro aspecto digno de consideração é o fato, de que, o analisante ao dispor do seu corpo na situação analítica, estaria se constituindo como um complemento ao corpo do analista (este é o motivo para que o analista deixe aparecer sinais de completude, a fim de não "engolir" o corpo do analisante marcado pelo estado de fragmentação). Em função do funcionamento psíquico na ausência do processo secundário, verifica-se a transformação do corpo do analisante num objeto de restauração narcísica para o corpo do analista. A relação dissimétrica disporia o analisante em espaço no qual o analista como OUTRO, é aquele que pode se apresentar como causa de desejo.

Esta situação é análoga àquela que tem lugar entre a mãe e a criança, pois, conforme sugere Pankow (1979), a mãe que não dispõe de um mínimo de organização na esfera corporal não consegue engendrar as condições responsáveis pela demarcação dos limites necessários à introdução do sujeito no seio das relações culturais, ou seja, o sujeito ao nascer no estado corpo não-integrado representa o complemento ideal para o corpo materno, apenas se este for portador de um mínimo de integração. Caso contrário a mãe rejeitaria o corpo da criança, devido não dispor do equipamento necessário à retirada da criança do estado relativo à fragmentação. Com isto, não se processaria diferenciação em função da falta dos subsídios oriundos da fonte materna.

Transpondo esta idéia para a situação analítica, pode-se sugerir que existe aí um espaço formado por dois corpos em situações diferenciadas, do mesmo modo que é reconhecida essa mesma situação entre a criança e a mãe. Por outro lado, no corpo do analisante figura um estado caracterizado por uma maior imobilidade, quando comparado ao corpo do analista que para se manter no sentido vertical requer a presença da ação de um maior número de funções. Essa imobilidade suscitada em nome da estratégia técnica, tem por finalidade o surgimento da associação livre. Aqui se faz uma analogia aos processos de dormir e sonhar e às ocorrências corpóreas peculiares a esses processos.

A disposição do corpo do analisante na posição horizontal tem por função remetê-lo a um estado no qual seja permitida a expressão de dados conteúdos psíquicos, que devido à função de controle e de sustentação necessários à posição vertical não surgem. Desta maneira, o corpo do analisante, assim constituído, forma juntamente com o corpo do analista um contínuo. O corpo do analista representa um pólo específico (e o de analisante o outro), por não se encontrar na mesma imobilidade presente no corpo do analisante. Ainda se constata, nessa díade, a existência de um saber, que circula entre os dois, mas que para cada um é algo distinto. Da parte do analista, este saber responde por uma estabilidade corpórea, enquanto que no analisante, abre um espaço para que tenha lugar a verdade. Esta, na maioria das vezes, desconhecida pelo analista, estaria a serviço do alheamento expresso na corporalidade do analisante, repercutindo como lacunas no saber do analista e na verdade constituída.

A suposição dessa díade compondo um contínuo com dois pólos diferenciados possibilita ao analista utilizar-se de certos artifícios, visando ao entendimento da "roupagem" sintomática que transparece no corpo do analisante. Não obstante, esses artifícios quando empregados atingem apenas a verdade constituída em função do saber do analista, tanto acerca dos procedimentos técnicos, quanto em relação ao desconhecimento da verdade do analisante, esta, inacessível ao analista. Sendo assim, no espaço analítico configura-se a suposição de um saber e a existência de uma verdade que se entremeia nas lacunas do saber do analista, por vezes escamoteando-o.

Aqui, estar-se-ia tratando da estratégia necessária ao analista, para não confundir os conteúdos que circulam em função do saber compactuado do analisante e a realidade própria do sintoma que escapa a quase toda possibilidade de capturação, particularmente em função dos extratos psíquicos que se organizam no momento em que o corpo materno configura-se como uma espécie de sustentáculo para o sujeito. Quer dizer, no pensar de Leclair (1982), tem-se aí uma cadeia de representantes sediados no interior do corpo materno. Estes, mesmo fazendo parte do psiquismo do sujeito se significam no âmago do psiquismo materno, sendo reativados no processo onírico, situação esta que conduz o sujeito ao encontro dos mesmos, uma vez que, como postulou Pontalis (1978), o corpo materno é a tela de projeção onde se encena a dramatização de um sonho.

Cabe argumentar que no processo analítico, algo desta natureza pode naturalmente ocorrer e com isso, o analisante vivenciar dadas situações relativas aos aspectos internos do analista, especialmente do seu corpo. Isto porque conforme se estrutura esta situação tem lugar no corpo do analisante uma regressão, a qual remete a um estado possível de fragmentação. É então, devido a esta dispersão do corpo do analisante que este se orienta em direção ao corpo do analista, no intuito de captar um mínimo de unificação. Esta deve-se ao fato de que o analista, ao se portar nesta situação com partes de suas funções corporais em atividade, pode deixar transparecer um mínimo de integridade.

Não obstante, não se está querendo dizer com isso que no corpo do analista não se observa indícios de fragmentação, apenas que ao analisante não é dada qualquer informação das ocorrências que nele têm lugar. Por outro lado, há tam-

bém por parte do analisante uma crença fundada idealmente a cerca do analista e de sua corporalidade em termos de sua integridade absoluta, ou seja, para o analisante o analista se aproximaria dos ideais de perfeição.

É esta integridade do corpo do analista captada transferencialmente que, uma vez figurada no psiquismo do analisante, permitirá a este entrar em profundas regressões, dispondo a nível imaginário, de um esteio representado pelo corpo do analista supostamente unificado. Com isto, o analisante pode, segundo Resnick (1982) vir ao encontro de sua verdade, na medida em que estaria em condições de efetuar projeções das partes dissociadas na realidade corporal do analista. Em outras palavras, o analisante só faz esse esvaziamento quando dispõe da corporalidade do analista enquanto tal, estando assim, protegido contra os atrativos que aprisionam o sujeito neste estado de relação fantasmática, na qual se verifica uma completude imaginária entre as duas corporalidades em questão. Com isso, estaria também em condições de expressar os conteúdos de natureza primitiva ancorados no corpo. Trata-se, pois, de algo que é permitido ao analisante, mas que ao mesmo tempo é vedado ao analista, pelo menos, em se tratando do contexto no qual transcorre a relação analítica. É então, nesse conjunto que se estabelece um sistema de trocas, as quais transcorrem num nível diferente daquele que se utiliza da matéria significativa, visto que tais ocorrências remetem a um registro aquém do verbal e que são, de certo modo inacessíveis à expressão pela palavra (Lamoine-Luccioni, 1982).

Ainda cabe salientar que as sensações corporais vividas pelo analista, catalogadas como contratransferência, representam uma resposta (resposta corporal em termos da ativação dos núcleos mais arcaicos do psiquismo ancorados no corpo), do analista a determinadas manifestações corporais do analisante. Para Grenn (1982), o fato de essas sensações se viabilizarem no registro corpóreo significa, sobretudo que foi vetada às mesmas, a possibilidade de ingresso no plano representativo, pois na medida em que se reportam às camadas mais primitivas do psiquismo podem colocar em risco o analista a ponto de se confundir com a situação de natureza primitiva que o analisante deixa entrever. Quer dizer, aquilo que o analista não consegue vivenciar em termos operatórios (pensamento, representação), recai, segundo McDougall (1987), num registro corpóreo no qual se verifica uma integração com o analisante.

É nesse nível da relação analítica que se observa o desdobramento dos aspectos internalizados pelo analista (como acompanhantes teóricos), em ações exteriorizáveis desvinculadas da ritmicidade temporal. Também se constata, como resultado dessa mudança o funcionamento do psiquismo do analista em termos de imagem — coisa ao invés de pensamento, tendo-se aí uma qualidade essencial do vivido. Esta revelar-se-ia como uma resposta do corpo do analista às reações do corpo do analisante.

Ao que se sabe, o analisante não se dirige cegamente ao corpo do analista, visto que suas ações se orientam para dados referenciais, neste presentes. Por esta razão, pode-se admitir a existência de uma diferença entre analisar um homem ou analisar uma mulher mesmo ao nível da demarcação biológica. Mais pre-

cisamente, poder-se-ia acrescentar que não é a mesma coisa analisar o aspecto masculino ou o aspecto feminino num homem ou numa mulher.

## O CORPO DO ANALISTA E O SINTOMA DO ANALISANTE

Bollas (1981), admite que o estilo de reação do corpo do analista ao corpo do analisante depende também da patologia deste. Sendo assim, o corpo do analista responde ao tipo de conformação patológica existente no corpo do analisante (fóbica, histérica, obsessiva, psicótica, maníaca, hipocondríaca, melancólica entre outras). A razão para tal tipo de ocorrência deve-se à possibilidade de fantasmas que presentificam-se no processo analítico conjugam-se na intercepção entre aquilo que provém do analisante e a instituição que se organiza em termos do analista, pois, para este último, dispor do corpo do analisante diante de si é uma situação singular, sendo portanto, específica a reação dele (analista) a este corpo.

Aqui se faz mais uma vez uma comparação entre a atitude de maternagem definida por Winnicott (1978) e a atitude do analista, como tendo algo em comum, pois encontra-se em ambas a possibilidade de estabelecimento de um "holding" consignado, no caso da situação analítica, de proteger o analisante para que este não se esvaia nos conteúdos arcaicos reativados no processo analítico, oriundos das primeiras estruturas que se organizam no psiquismo e que compõem o núcleo das formações pictóricas.

Os conteúdos desse extrato mais primitivo são elementos que figuram na relação analítica ao nível do imaginário, e não se expressam em código lingüísticos. A esses elementos, o analista responde de forma muito especial, pelo fato de que nele (analista) verifica-se, também, a existência de sedimentos bastante arcaicos no psiquismo que são reativados como resposta à demanda do analisante. Conforma-se, assim, um sistema dialético num espaço primitivo de relações e trocas. Estas podem ser consideradas como relações parciais de objetos ou até mesmo aspectos relativos aos núcleos narcísicos indiferenciados. Isto deve-se à restauração narcísica vivenciada pelo analista, na medida em que dispõe diante de si de um analisante que lhe considera onipotente e onipresente (naturalmente em função do vínculo transferencial). Em decorrência tem lugar a conformação de um campo, no qual, analisante e analista se dispõem numa acentuada assimetria, de certa forma, análoga àquela formada pela díade mãe-filho, nos primórdios da vida deste, quando o mesmo se apresenta no estado de inermidade característica desse período. Por esta razão, o filho converte-se em algo que, por excelência, adequa-se ao gozo materno. Cabe salientar que, do mesmo modo que a criança em seu estado de pronunciada prematuridade, apresenta-se na condição daquilo que serve de complemento ao corpo materno diferenciado (dando lugar ao aparecimento do gozo máximo peculiar à mulher), o analisante no momento em que funciona psicologicamente em termos de processo primário, estaria então criando uma condição para que a relação analítica tenha uma conotação feminina, particularmente, pelo fato de que o analisante nestas circunstâncias estaria se dispondo como o complemento ideal ao corpo do analista, remetendo-o à uma situação

que se aproximaria aquele estado peculiar da mãe quando tem seu filho em contato com seu corpo (Bollas, 1976).

Este seria o caráter feminino da relação analítica (quer dizer, essa captura que analisante faz do analista, ao nível especular, em termos de oralidade), considerado no âmbito transferencial. Não obstante, essa conotação de vínculo entre analisante e analista teria escapado aos olhos de Freud (1972a), quando foi impedido (por fatores de natureza subjetiva), de ocupar esse lugar indicado pela transferência. Neste sentido, pode-se admitir que a relação analítica potencializa um dado padrão de vinculação tipicamente materno, do qual apenas parte é realizada pela transferência. Isto quando considera-se ser este fenômeno mediado por conteúdos representativos. A outra parte diz respeito à interação entre corporalidades, na qual circulam as marcas não simbolizáveis. Acerca deste último aspecto, tem-se uma característica ímpar do feminino que se faz presente na relação analítica.

Esse elemento de caráter feminino da relação analítica corresponde à possibilidade de doação que o analista faz do seu corpo ao analisante, pois assim teria acesso aos núcleos de sua parte mais primitiva, sem perder os seus limites, nem tampouco ficar aprisionado nestes conteúdos e no fascínio exercido pelos mesmos. Nesse sentido, o corpo do analista representa este esteio da ordem cultural que sustenta o analisante em suas buscas constantes da verdade, da mesma forma que a mãe empresta ao filho (a partir do nascimento deste), a imagem da espécie, oferecendo-lhe também indício de vida para amortecer as fortes manifestações da pulsão de morte. Essa reação materna, segundo Farias (1987), esboça por um lado, a constituição egóica enquanto que por outro, vai incidir sobre o corpo no seu estado de fragmentação no intuito de promover a unificação dessa instância. Sem sombra de dúvida, essa situação também ocorre no processo analítico, quando o analista dispõe de sua corporalidade para estas finalidades e afim-se, mais uma vez, uma característica reveladora do aspecto feminino da relação analítica. Este aspecto é algo que somente viabiliza-se, na medida em que as marcas arcaicas não simbolizáveis entram em cena configurando, desse modo, um tipo de interação, na qual se processa à conjugação dos fantasmas do corpo do analista e dos fantasmas do corpo do analisante. É do entrecruzamento formado por esses fantasmas que se estabelece um espaço comum onde o desejo marca sua encenação. O fato desse espaço ser orientado pelo desejo faz com que esses corpos sejam considerados por Deleuze e Guattari (1976), como "máquinas desejantes". É daí que surge uma matriz de significação, em decorrência desse tipo básico de relacionamento, no qual a palavra se assenta no "pano de fundo" criado e atrelado ao desejo.

Desta maneira, torna-se possível um acoplamento da matriz da significação àquela que deriva do arranjo resultante da ação dos núcleos arcaicos do psiquismo, os quais respondem pelo originário, conforme admitiu Aulagnier (1979). Por esta razão, os conteúdos dessa matriz originária (quando se evidencia na relação analítica), dificilmente são metabolizados na matriz relativa à significação. Daí, pode-se deduzir que a resposta do analista utiliza-se de uma vertente outra além da palavra, na medida em que entram em cena os aspectos do originário do psi-

quismo do analista (ou seja, nestas condições o corpo do analista interage com o corpo do analisante e formam esses dois corpos, um todo no qual a palavra se edifica na qualidade de matéria significante).

Vista a questão por este ângulo, pode-se sustentar que a significação é uma ocorrência que requer, para o seu aparecimento, o funcionamento da estrutura formada por essas duas corporalidades (isto, em se tratando de espaço analítico), o que na realidade, seria uma réplica da conjugação relativa à díade mãe-filho.

Essa estrutura, que se forma por essas corporalidades, não se torna inoperante em consequência do surgimento da significação. Muito pelo contrário, na medida em que a significação veicula no processo analítico, esta estrutura operaria numa moralidade funcional mais abrangente e mais complexa, para desta forma dar lugar à significação considerada em termos de economia dos processos psíquicos.

#### NOTAS:

- (1) Este núcleo arcaico é aqui considerado como as organizações psíquicas referentes ao período que antecede ao aparecimento da palavra. As ocorrências que se verificam neste período têm dois destinos: por um lado, se referem à matriz das representações e, por outro, a não-representável.
- (2) Especificamente, levando-se em consideração a contratransferência, naquilo que apresenta de peculiar.
- (3) A expressão análise quarta é de VALABREGA, J.P. *A Formação do Psicanalista*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- (4) Maud Mannoni, salienta a existência de uma dificuldade em se pôr em palavras certos elementos da intimidade analítica (MANNONI, M. "A Teoria como Ficção". Rio de Janeiro, Campos, 1986).
- (5) De acordo com as formulações de DOLTO, F. "La image inconsciente del cuerpo". Buenos Aires, Paidós, 1986.
- (6) Esta é uma hipótese apresentada por Bion. Mas há também em Lacan uma alusão a esta possibilidade de existência de aspectos neuróticos e psicóticos no sujeito, pois ao afirmar que na psicose a transferência deve ser manejada de forma típica, estaria pressupondo, no mínimo um tipo de defesa neurótica presente numa estrutura psicótica.
- (7) Aqui se assume a hipótese dualista apresentada por Freud em termos de afetos e representações.
- (8) É importante situar aqui que parte-se do pressuposto de que há no sintoma uma dupla vertente: por um lado pode ser considerado como um fracasso do recalque, pois é algo do recalque que não deveria retornar e retorna. Por outro lado, representa também uma tentativa de resgate, denunciando a existência de recursos últimos para preservar a saúde.
- (9) O analista não deverá nem acrescentar, nem distorcer nada daquilo que provém do analisante.
- (10) Considera-se a transferência como a parte dinâmica do processo analítico, enquanto que alguns dos elementos extra-transferenciais são tomados como a parte fixa.
- (11) O analista estabelece um dispositivo para que a análise se desenvolva. Tal dispositivo antecede a existência do analisante enquanto tal.
- (12) O termo "demanda" aqui não é empregado na acepção lacaniana, mas em referência àquilo que Winnicott formula como holding, visto que presume-se que o analista se dispôs como que supostamente suporta as agressões do analisante.
- (13) Pois seu psiquismo passa a funcionar na situação analítica em termos de processo primário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULAGNIER, P. **A violência da interpretação**. Rio de Janeiro, Imago, 1979.
- BOLLAS, C. Le language secret de la mère et de l'enfant. **Nouv. Rev. Psychanal.** (14): 241-45, 1976.
- . Comment l'hystérique prend possession de l'analyste. **Nouv. Rev. Psychanal.** (24): 279-85, 1981.
- CRAMER, B. L'image du corps au cours de une analyse. **Rev. Fr. Psychanal.** (2): 345-57. 1981.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O anti-édipo**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FARIAS, F. R. de, **O processo de humanização**. Rio de Janeiro, FGV, 1987, Tese (Doutorado).
- FEDIDA, P. **Clínica psicanalítica**. São Paulo, Escuta, 1988.
- FREUD, S. **Sobre o início do tratamento**. Rio de Janeiro, Imago, 1972a.
- . **Fragmento da análise de um caso de histeria**. Rio de Janeiro, Imago, 1972b.
- GREEN, A. Apres coup, l'archaïque. **Nouv. Rev. Psychanal.** L'archaïque (26): 195-15, 1982.
- LECLAIRE, S. **Psicanalisar**. São Paulo, Perspectiva, 1977.
- . **O corpo erógeno**. Rio de Janeiro, Fon Fon e Seleta, s. ed., 1979.
- . **Desemascarar lo real**. Buenos Aires, Paidós, 1982.
- LEMOINE - LUCCIONI, E. **El grito**. Buenos Aires, Paidós, 1982.
- MACEDO, H. D. **Ana K ou a conjugação do corpo: história de uma análise**, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- MC DOUGALL, J. **Conferências brasileiras**. Rio de Janeiro, Xenon, 1987s
- PANKOW, G. **Estrutura familiar y psicosis**. Buenos Aires, Paidós, 1979.
- PONTALIS, J. B. **Entre el sueño y el dolor**. Espanha, Sudamérica, 1978.
- RESNICK, S. **Persona y Psicosis**. Buenos Aires, Paidós, 1982.
- WINNICOTT, D.W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.